



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A impossibilidade de uma psicanálise politicamente correta

The impossibility of a politically correct psychoanalysis

L'impossibilité d'une psychanalyse politiquement correcte

Jéssica Samantha Lira da Costa

Orcid: [0000-0002-9030-8046](https://orcid.org/0000-0002-9030-8046)

Psicanalista

Pós-doutoranda no Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da PUC/SP (São Paulo, Brasil)

Doutora em Psicanálise – teoria e clínica, da Universidade Federal do Pará (Pará, Brasil)

Doutorado Sanduíche no programa de Psychanalyse et Psychopathologie da Université de Paris VII (Paris, França)

Professora da Faculdade Estácio de Belém (Pará, Brasil)

Diretora do Centro de Estudos Freudianos de Belém (Pará, Brasil)

E-mail: jessica.s.lira@hotmail.com

Yvison Danilo de Alencar Alves

Orcid: [0009-0002-6513-220X](https://orcid.org/0009-0002-6513-220X)

Acadêmico do curso de Direito (Amazonas, Brasil)

Estagiário no Núcleo de Prática Jurídica (NPJ) da Escola de Direito da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

(Amazonas, Brasil)

E-mail: yvison.alencar@icloud.com

Resenha do livro:

André, J. (2018). *L'inconscient est politiquement incorrect*. Paris: Stock Ed.

O livro do psicanalista francês Jacques André – *L'inconscient est politiquement incorrect* – que, até então, segue sem tradução para a língua portuguesa, é um tratado sobre os malefícios de se tentar encarcerar a psicanálise em caixinhas moralistas desenfreadas. Com um título sagaz na capa de seu livro *O inconsciente é politicamente incorreto* (tradução nossa), Jacques André nos apresenta uma leitura ponderada e até mesmo apropriada a respeito do modo como pode ser pernicioso tentar enclausurar o desejo em entidades politicamente corretas.

Iniciando a resenha, deixamos como visão geral e introdutória do livro as seguintes considerações: o livro trabalha, de maneira profunda, o conceito de inconsciente em psicanálise e como esse conceito confronta os ditames das normas sociais, principalmente no que se refere as questões de gênero, identidade e desejos vistos como inaceitáveis socialmente. O autor compreende que o inconsciente, em vez de se submeter às regras sociais, normalmente se coloca em oposição a elas, deixando evidenciar o caráter disruptivo de nossos impulsos e desejos. Impulsos esses que comumente a sociedade tenta ocultar. Nessa direção, em tempos de controle absoluto, a psicanálise se apresenta como uma força que valoriza o trabalho do inconsciente. Pedindo, sempre, que continuemos falando daquilo que surgir, independentemente do teor ou conteúdo da fala. Essa é a perspectiva do autor.

Renato Mezan, psicanalista brasileiro, certa vez disse:

o politicamente correto é uma das coisas mais asnáticas que se possa imaginar em qualquer

circunstância. Você deixa de chamar o sujeito de negro e passa a chamá-lo de preto, deixa de chamar de judeu e passa a chamar de israelita, o turco passa a ser o árabe ou o filho do oriente médio e por aí vai... e o que acontecerá? Em décadas essas novas palavras terão a acepção mais pejorativa que as antigas, é evidente. Porque você não abole preconceito proibindo o uso de determinadas palavras, isso é simplesmente idiota, é inútil. Se você quer efetivamente modificar as situações de violências inomináveis que se praticam, principalmente no Brasil, contra todo tipo de pessoa indefesa, você tem que começar produzindo um sistema de leis que funcionem, que incentive menos a prática da barbárie, coisa que nós estamos muito longe de ter no nosso sistema jurídico (Mezan, 2023, s/p.).

É nessa direção que o livro aqui resenhado se encontra, ou seja, na difícil missão – principalmente nos dias atuais – de tentar apresentar uma psicanálise que parece não poder mais existir, uma psicanálise que não tem mais espaço na maioria dos centros universitários, que estão cada vez mais escravizados em linguagens politicamente corretas e posturas que, à luz do dia, são sempre extremamente apropriadas. Todo mundo tentando parecer muito bonzinho, muito certinho, empregando as palavras adequadas e com a postura impecável. Faço questão de frisar que é à luz do dia, pois na calada da noite o inominável, o feio, o grotesco, o politicamente incorreto sempre se revela e sempre se faz presente.

Antes de iniciar a resenha propriamente dita, vamos apresentar seu autor aos leitores que ainda não o conhecem: Jacques André, psicanalista francês, membro da Associação psicanalítica da França (APF), professor emérito da Universidade de Paris (Diderot), autor de grande versatilidade no campo psicanalítico, tendo inúmeros livros publicados, dentre os mais conhecidos estão *La sexualité féminine* (1994), *Les 100 mots de la psychanalyse* (2009), *La sexualité masculine* (2013), *Paroles d'hommes* (2012), *Psychanalyse et vie quotidienne* (2015), *Lectures de Freud* (2019), entre muitos outros. O autor tem mais de 43 obras publicadas, excetuando as centenas de artigos. É alguém de grande produção acadêmica, teórica e técnica na psicanálise.

O livro que aqui temos em mãos é de 2018 e é composto por 36 – breves – capítulos. Os capítulos versam sobre os mais variados temas, desde *L'homosexualité du psychanalyste* (A homossexualidade do psicanalista) até *Paranoïas* (Paranoias). E todos são tratados a partir de um estilo ensaístico. O autor desenvolve um estilo narrativo como se estivesse contando várias histórias vivenciadas na sua experiência clínica ou na sua vida particular e que possuem relação com a temática do capítulo.

Ao escrever o livro em questão, Jacques André parece ter uma intenção, a saber: demonstrar aos praticantes e estudiosos da psicanálise que "*L'inconscient est politiquement incorrect, une fois pour toutes*" (O inconsciente é politicamente incorreto, uma vez por todas!), sentença esta que ele dedicou ao título de um artigo em que apresentava o livro para o grande público. Ao tocar no assunto do estado de coisas em que nos encontramos e que leva em consideração uma homogeneização

politicamente correta da psicanálise, André afirma que, ao contrário de sujeitos escravizados politicamente ou religiosamente, devíamos esperar que o psicanalista fosse um praticante da liberdade. Que liberdade é essa a qual André se refere? Uma liberdade que advém do processo de escrutínio de si que uma boa análise proporciona. Liberdade que não nos deixaria aprisionados a uma servidão generalizada proveniente do estado de coisas politicamente corretas da atualidade.

Os exemplos que André utiliza são bem didáticos. O autor aborda os absurdos do identitarismo da atualidade, como: uma pessoa negra só pode ser atendida por um psicanalista negro; um homossexual só pode ser atendido por um analista homossexual. E assim de maneira subsequente, essas e outras são ações arbitrárias e impensadas na prática psicanalítica e que nada tem a ver com as regras fundamentais teórico-técnicas deixadas por seu criador Sigmund Freud.

Exemplos esses que me fazem lembrar a crítica de outro livro extremamente importante (e que já foi resenhado por mim aqui na revista asephallus, que se chama *O eu soberano*, de Elisabeth Roudinesco). Talvez seja um dos melhores livros na atualidade da psicanálise pois se dedica a demonstrar os malefícios do identitarismo contemporâneo. Roudinesco (2022) afirma que o identitarismo é autoritário e segregatório e que tal movimento ideológico é responsável pelo aniquilamento da psicanálise, vide a tentativa massiva de substituição de sexo por gênero, por exemplo.

Coelho dos Santos (2023) na apresentação à sua mais recente coletânea organizada juntamente com Douglas Abreu e intitulada *Todo mundo é igual?: clínica da psicose ordinária e do autismo* faz questão de apontar que:

A radicalização da reivindicação igualitária em nome da "Justiça Social" (com letras maiúsculas) que se faz acompanhar pela recusa pós-moderna à toda e qualquer forma de autoridade, tende a abolir a dissimetria da relação do sujeito ao real da incidência traumática da língua. Essa dissimetria essencial alicerça as relações humanas de dependência de cada um para com o Outro particular de sua história. Ao abolir a contingência desse laço, discursos sociologizantes promovem a construção de uma subjetividade anônima (Coelho dos Santos, 2023, p. 12).

A partir de tais considerações, voltemos ao livro de Jacques André. O autor demonstra que, desde Freud, autor este que revolucionou o século XX e que continua remexendo com os demais contextos culturais e seculares, entendemos que o inconsciente subverte a moralidade social, a lógica e a razão. O inconsciente depõe contra a sociedade. Em que sentido? Na direção em que nos faz travar lutas infundáveis contra aquilo que é requisitado no convívio com outrem. Destarte, a própria psicanálise não escapa do seu próprio objeto. Ou seja, a psicanálise não pode ser tratada como uma doutrinação politicamente correta do homem, da vida e da cultura, pois ela se esquecerá da sua mais importante matéria-prima: o inconsciente. Em suma, o autor nos lembra a todo instante que a

psicanálise é algo que se posiciona contra a corrente dominante da política da moralidade atual.

Como bem nos lembra Coelho dos Santos e Malcher (2017, p. 9): “o psicanalista freudiano é um homem de ciência e não um homem de ação. A militância política, de acordo com Freud, mergulha os homens na certeza e na obstinação, tornando-os avessos à dúvida e à investigação”. Com essa passagem lapidar, os autores supracitados não nos deixam esquecer algo fundamental: a psicanálise é inimiga de gregos e troianos, afinal, não serve aos intentos progressistas que não toleram teorias que consideram rígidas demais e que, segundo suas visões deturpadas depõem a favor de um conservadorismo da psicanálise. Mas a psicanálise também não agrada conversadores quando, em suas leituras também equivocadas, acreditam que a teoria de Sigmund Freud é uma apologia ao que há de mais degradante e vil na raça humana: perversões, relativismo, niilismos e *tutti quanti* que eles fantasiam ser a psicanálise.

André demonstra, em um capítulo intitulado *L'homosexualité du psychanalyste* (A homossexualidade do psicanalista) que Freud já furava a bolha do politicamente correto, mesmo antes de tais situações receberem esse nome. Afinal, em 1921, em resposta a Ernest Jones, que queria proibir um candidato à analista de realizar a prática em psicanálise pelo simples fato do jovem médico e candidato ser homossexual, Freud responde que “pas plus que l'on ne peut cautionner la poursuite légale de l'homosexualité, on ne peut sur cette base refuser l'admission à la formation. Une telle admission relève de l'examen des qualités du candidat et non de son choix d'objet sexuel” (Freud, 1921, como citado em André, 2019, p. 117)¹.

Assim, os ditos “psicanalistas” da atualidade sonham estar descobrindo a roda por quererem reformar a psicanálise, por acreditarem que ela é um produto de uma sociedade patriarcal, machista e falocêntrica e por acreditarem que ela coaduna com práticas homofóbicas, misóginas, xenofóbicas e tantos outros atributos pejorativos. Esquecem-se de suas bases! O fato de a psicanálise trabalhar com a teoria do complexo de Édipo, ou com a teoria do inconsciente estruturado como linguagem e não uma construção social de gênero, não é motivo para adjetiva-la das piores coisas.

Freud era um médico que falava e sistematizava um saber sobre a sexualidade humana (da criança, da mulher e de todos os demais) em uma época extremamente rígida quanto a esses saberes. Freud era o homem que, a despeito de muitos de seus contemporâneos (incluindo sua própria filha, Anna Freud) nunca mediu a capacidade de alguém para exercer a psicanálise baseado em suas escolhas objetais.

Daí a dificuldade dos ideólogos reformistas da psicanálise em compreender a postura de Freud: um homem que criou uma teoria como a psicanálise – a máquina de destruir ilusões – não poderia agradar aqueles que não podem viver senão por uma ótica do engodo ideológico. A este respeito, André (2019, p. 13) tem uma passagem muito perspicaz:

L'idéologue, celui qui confond l'idée qu'il propose avec la cause qu'il défend, qui mélange sa croyance à la raison, c'est toujours l'autre... Il est vrai que les gender studies n'y échappent

guère: homo, trans, intersexué, non-binaire... tout devient cause à défendre, entraînant dans son sillage de nouveaux interdits de dire et de penser.²

Quanto mais nos deparamos com as demandas de determinados nichos da psicanálise institucional da atualidade (principalmente escolas, sociedades, núcleos e grupos universitários), mais entendemos que ela só poderá continuar existindo se continuar fazendo frente aos desmandos autoritários de grupelhos ideológicos. A partir do momento em que a psicanálise – ou seja, aqueles que a praticam, em sua totalidade – ceder aos gritos infantis e imponentes daqueles que acreditam ter o bastião da verdade psicanalítica, a psicanálise sucumbirá.

Outrossim, é justamente por isso que é imperioso que continuemos persistindo: seja escrevendo artigos e livros, seja falando em salas de aulas ou congressos, seja tomando os espaços acadêmicos, seja resistindo na escuta analítica que tem como base as recomendações freudianas àqueles que exercem a psicanálise ou seja ministrando aulas sobre os seminários lacanianos (principalmente daqueles que querem extirpar da face da terra como o *Seminário 4* ou *Seminário 5*, por exemplo), não importa qual meio você queira adotar ou usar, a única certeza é que para que não deixemos a psicanálise ser completamente reformada, transformando-a numa espécie de ideologia afagadora de egos ou em uma terapia do bem estar ou até mesmo em uma prática propagadora de ilusões, teremos que continuar nos impondo e resgatando os princípios éticos, teóricos e técnicos da teoria formulado por Sigmund Freud.

A presente resenha crítica que aqui se finaliza é uma tentativa de propagar ou denunciar os usos nefastos que os paladinos da moral e dos bons costumes (progressistas ou conservadores, pouco importa) estão fazendo da psicanálise. Se principalmente os consultórios de psicanalistas começarem a pautar o discurso e as fantasias dos analisandos que lhes procuram, a psicanálise não se transformará em politicamente correta, como muitos querem, ela simplesmente não existirá mais. Afinal, como poderá haver psicanálise sem inconsciente? E esse último, vulcão em erupção de pulsões, será eternamente politicamente incorreto!

Notas:

1. Tradução nossa: "da mesma forma que não podemos apoiar a condenação legal da homossexualidade, não podemos recusar com base nisso a admissão à formação. Uma admissão requer o exame das qualidades do candidato, e não sua escolha de objeto sexual".
2. Tradução nossa: "O ideólogo, aquele que confunde a ideia que propõe com a causa que defende, que mistura sua crença com a razão, é sempre o outro... É verdade que os estudos de gênero não escapam muito disso: homo, trans, intersexo, não-binário... tudo se torna uma causa a ser defendida, arrastando consigo novas proibições de falar e pensar."

Referências Bibliográficas

- André, J. (2019). L'inconscient est politiquement incorrect. *Filigrane – Revista Écoutes psychanalytiques*, 28(1), 15-32. Recuperado de <https://www.erudit.org/fr/revues/fili/2019-v28-n1-fili04866/1064594ar.pdf>
- Coelho dos Santos, T. C., & Malcher, F. (2017). *Psicanálise no século XXI: ideologias políticas, subjetividade, laços sociais e intervenções psicanalíticas*. Curitiba: CRV Ed.
- Coelho dos Santos, T. C., & Abreu, D. N. (2023). *Todo mundo é igual? Clínica da psicose ordinária e do autismo*. Curitiba: CRV Ed.
- Mezan, R. (2023). Sigmund Freud: a sociopatologia da vida cotidiana, com Renato Mezan. *Instituto CPFL*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=C5vHwImrnaw>
- Roudinesco, E. (2022). *O eu soberano: ensaios sobre as derivas identitárias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Citação/Citation: da Costa, J. S. L., & Alves, Y. D. de A. (nov. 2024 a abr. 2025). A impossibilidade de uma psicanálise politicamente correta. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 20(39), 201-206. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2025v20n39p201-206

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 19/01/2024 / 01/19/2024.

Aceito/ Accepted: 25/03/2025 / 03/25/2025.

Copyright: © 2025. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.